

Craveirinha, a messe e os operários:

cinco trabalhos que não são de Hércules

Francisco Topa
U. Porto / CITCEM
ftopa@letras.up.pt

Resumo: O artigo propõe um conjunto de cinco tarefas que o autor considera essenciais para o estudo da obra de José Craveirinha: a recolha dos poemas dispersos por publicações periódicas e nunca editados em livro; o levantamento de versões saídas em jornal de poemas mais tarde incluídos em livro; a inventariação dos muitos textos em prosa (crónicas, artigos, ensaios) que Craveirinha publicou em jornais e revistas; o estudo do enquadramento jornalístico-histórico de alguns poemas cujo ponto de partida foi um acontecimento noticiado pela imprensa; o levantamento e estudo das traduções e edições estrangeiras da poesia do autor moçambicano. Para cada um destes trabalhos são apresentados alguns exemplos.

Palavras-chave: José Craveirinha; jornais; poesia; tradução.

Abstract: The paper suggests a set of five tasks that the author considers essential for the study of José Craveirinha's work: the collection of poems dispersed in periodical publications and never edited in book form; the identification of newspaper versions of poems later included in a book; the inventory of the many prose texts (columns, articles, essays) that Craveirinha published in newspapers and magazines; the study of the journalistic-historical framework of some poems whose starting point was an event reported by the press; the identification and study of translations and foreign editions of poetry by the Mozambican author. Some examples are given for each of these tasks.

Keywords: José Craveirinha; newspapers; poetry; translation.

É bem sabido que José Craveirinha se revelou sempre pouco cuidadoso com a recolha e publicação dos seus textos. No “Pórtico” da edição ampliada de *Maria*, justifica-se com a sua “congénita mandriuce” (CRAVEIRINHA, 1998: 7) e lembra a advertência que Rui Knopfli lhe fizera em tempos: “– Tu escreves, escreves e não publicas. Qualquer dia corres o risco de passar como plagiador dos teus plagiadores.” (*ibid.*). Depois da sua morte, o movimento

editorial dos textos confirma essa observação: até ao momento, salvo o erro, foram publicados mais seis volumes, recolhendo dispersos e inéditos. Ao nível da poesia, saíram em 2004 os volumes *Poemas da prisão* e *Poemas eróticos*, em 2012 *Tâmaras azedas de Beirute* e *Vila Borghesi e outros poemas de viagem* e, em 2018, *Moçambique e outros poemas dispersos* (2018). Veio também a lume, em 2009, um conjunto de artigos sobre *O folclore moçambicano e as suas tendências*.

Apesar destes bons sinais, há uma série de problemas que persistem e que prejudicam a leitura e a receção do poeta maior de Moçambique. O mais imediato é o do acesso à obra: quase todos os volumes estão esgotados (muitos deles há muito) e têm (ou tiveram) uma circulação limitada aos dois principais espaços por onde se tem repartido a edição da obra de Craveirinha, Portugal e Moçambique. Outras questões dizem respeito às opções gráficas e aos desacertos de alguns desses volumes e à falta de uma edição integral que os reúna. Uma boa forma de comemorar o centenário do autor seria resolver (ou, pelo menos, começar) esse obstáculo, que não é o único.

Do meu ponto de vista, há pelo menos cinco tarefas que devem ser executadas paralelamente, de preferência por uma equipa de especialistas de boa vontade, dispostos a sacrificar algum do seu tempo para dar a ler e restituir o brilho à obra de um escritor e cidadão que, para além de grande figura da literatura moçambicana, é um elemento importante para entendermos muitos aspetos do passado mais ou menos próximo e do futuro de Moçambique e Portugal. Ao contrário do que possa parecer, esses trabalhos não são de Hércules – não só pelo facto de serem cinco e não doze, mas sobretudo por serem muito mais exequíveis e não requererem nenhum herói.

1. Sendo José Craveirinha conhecido sobretudo como poeta – embora outras facetas suas sejam também importantes, como irei sublinhar mais à frente e como de resto é conhecido –, a tarefa mais evidente e imediata é a recolha dos poemas dispersos por publicações periódicas e nunca editados em livro. (Não falo nos textos verdadeiramente inéditos, na medida em que esses estarão na posse da família e a ela caberá o seu tratamento.) Ora, mesmo tendo feito um trabalho de levantamento pouco mais que preliminar, creio que não são poucos os poemas nessas circunstâncias. Limitar-me-ei a apontar cinco exemplos, todos provenientes de *O Brado Africano*.

O primeiro saiu a 2 de abril de 1955 e parece referir-se à obra que inaugura a moderna ficção moçambicana, *Godido e outros contos*, de João Dias, publicada postumamente três anos antes, em 1952:

In memoriam

Godido
trazia Umbeluzis de esperança fermentando
na ânsia das horas das mãos dadas
mas era cedo ainda para os sonhos de Godido.

Godido
ficou à esquina da rua dos sonhos
sentimentalmente
envenenado de desespero.

Na infinita rua dos sonhos de Godido
veio o pesadelo
e levou-o.

O segundo saiu a 31 de dezembro do mesmo ano de 1955 e nele o sujeito proclama a sua diferença face a Cristo:

Quase poesia

Jesus Cristo
sofreu prégando Paz e Amor
e perdoou

Mas homem que eu sou
não encontro Deus em mim

Deus é Deus
e Deus nunca enraivou.

O terceiro veio a lume a 3 de março de 1956, voltando a ser publicado quatro anos depois numa antologia da Casa dos Estudantes do Império (AA.VV., 1960):

Paragem

Sobe um rumor de pedras em vaga

da carvoeira
e os homens lá.

Sobe um rumor
e na repartição
a menina burguesa vampiriza a expressão
e julga que vive.

Da carvoeira...
sobe um rumor.

O poema seguinte figura na edição de 31 de março de 1956 do mesmo jornal e vem dedicado ao futuro pintor António Bronze (Lourenço Marques, 1935 – Ferragudo, Algarve, 2003), que partira no ano anterior para a metrópole, onde frequentaria a Escola de Belas Artes do Porto, entre 1955 e 1962:

Partida

Para o António

Naquele dia
o sol parecia igual
exactamente igual ao sol dos outros dias.

A manhã amarela e verde
a doce manhã quente das folhas de cajueiros brilhando
também parecia igual às outras manhãs quentes
de homens e mulheres indo e vindo
cantando e carregando
apertando capulanas nas barrigas grávidas
caminhando na manhã quente da Munhuana.

Mas irmão António Bronze
o tantam dos batuques na sua alma de branco nosso irmão
sentiu o coração crescer de desespero
sentiu crescer de desespero o coração
e curvando a fronte pálida de quem vai para muito longe
deixou os seus olhos azuis de esperança
fundir em lágrimas quentes
como a manhã amarela e verde de cajueiros brilhando
o grito maravilhoso de ser branco e nosso irmão
ser branco e nosso irmão igual na terra da Manhã quente.

Naquele dia
o sol parecia igual

Craveirinha, a messe e os operários

exactamente igual ao sol dos outros dias...

Mas a manhã amarela e verde
a doce manhã quente dos cajueiros brilhando
de homens e mulheres indo e vindo
cantando e carregando
apertando capulanas nas barrigas grávidas
caminhando na manhã quente da Munhuana...

Ah, naquele dia...
Nosso irmão branco igual a nós
Nosso irmão branco António Bronze¹
soluçou no imenso desespero de partir
e a paisagem amarela e verde dos caminhos de areia
transformou-se.

O quinto e último poema vem incluído no número de 6 de julho de 1957 e talvez tenha constituído uma versão anterior de “Quando o José pensa na América”, um texto datado de agosto de 1958 e bem mais longo (107 versos contra os 39 iniciais), vindo a público em *Moçambique e outros poemas dispersos* (CRAVEIRINHA, 2018: 62-71):

Quando eu penso na América...

Quando eu penso na América
não vejo os arranha-céus no bairro de Manhattan
não, não vejo os arranha-céus de Manhattan
quando penso na América.

Há um som de “spiritual”
uma velha voz de “spiritual” que chora no trompete de Armstrong
uma a uma canções geradas no tempo da escravidão
quando eu era apenas Sambo gemendo no porão.

Mesmo assim quando penso na América
esqueço
juro pelos espíritos dos meus antepassados Sambos, juro
a magia inconfundível do trompete de Armstrong
nas noites longínquas e familiares de Harlem.

Quando penso na América...
nem o calendário da branca Marilyn Monroe vale quinhenta

¹ No jornal, certamente por gralha, há um ponto final.

(quem é Marilyn Monroe, afinal?)
o que é ela ao pé de minha irmã Marian Anderson
ou de Paul Robeson, meu irmão também?
ou mesmo de negra Rosa, casadora da Munhuana?

O que é Marilyn Monroe senão um simples calendário?

Quando penso na América
vou dizer porque é que eu fico tão contente
e não vejo arranha-céus nem Marylines
nem fitas em série bobinadas em Hollywood.

Vou dizer porquê eu não sinto Marilyn
nem Manhattan
e somente sei que Deus é Deus para toda a raça
(minha raça negra, também)
quando penso que o maior embaixador da paz
vem em películas de celuloide
e move-se nos “écrans” de todo o mundo
transformado em rato Mickey
Quando penso na América
as fábricas de Cadilaques e Marylines
não valem sequer
as mãos maravilhosas de um branco chamado Walt Disney.

Agora
já todos sabem o que eu penso
quando penso na América.

2. O segundo trabalho consiste no levantamento e recolha de versões saídas em jornal de poemas mais tarde integrados em livro. Embora, de um modo geral, tais variantes não sejam necessárias para a fixação do texto, elas fornecem elementos importantes para estudos de crítica genética, ajudando assim a caracterizar o trabalho criativo de Craveirinha. Limitar-me-ei a apresentar três exemplos de poemas curtos, dispondo as versões lado a lado, de forma a facilitar a compreensão das diferenças.

Começemos com um poema saído em *O Brado Africano* de 30 de abril de 1955 e que integraria depois, com um título diferente e mais algumas alterações, *Karingana ua karingana*:

Progresso

Suelto²

No laboratório
o lobo dirige a radioactividade
e concentra o cobalto.

No laboratório
o lobo dirige a radioactividade³
e concentra o cobalto.

E na Igreja...
pequenos esqueletos juntam **metacarpos**
e aprendem catecismo.

Na igreja
pequenos esqueletos juntam
no catecismo os metacarpos
e rezam.

Vejamos agora o caso do poema que em *Karingana ua karingana* surge sob o título de “2.^a Ode ao Inverno” (CRAVEIRINHA, 1992: 67) e que teve uma versão anterior em *O Brado Africano* de 25 de junho de 1955:

1.^a Ode ao inverno

2.^a Ode ao Inverno

Fora...

A cacimba enche a noite africana
de treva branca
e os faróis do “Buick” abrem caminho à força

Fora a cacimba enche a noite africana
de trevas brancas
e os faróis do Buick abrem
caminho à força.

Dentro do “xigubo”⁴
na hora dos cansaços dormentes
os fogareiros acesos de carvão
libertam os negros
suavemente...

Nas noites de xigubo sem manta
insofismáveis fogareiros a carvão
com seus hálitos predestinados
põem os negros em coro definitivo
muito fora dos invernos
suavemente.

O último exemplo diz respeito ao texto que em *Karingana* figura com o título de “3.^a ode ao Inverno” (CRAVEIRINHA, 1992: 68) e que, apesar de

² Em *Obra Poética* (CRAVEIRINHA, 1999: 77), o título é “Suelito”, o que parece constituir uma gralha.

³ Na edição de *Karingana ua Karingana* (CRAVEIRINHA, 1992: 25), a palavra vem grafada sob a forma “radioactividade”.

⁴ No original, certamente por gralha, vem “xigugo”.

aí vir datado de 1955, tem uma versão que parece anterior vinda a lume em *O Brado Africano* de 28 de julho do ano seguinte:

Ode 2.^a ao inverno

Na terra dos trópicos
palmeiras alongadas contra o fundo azul fosco
e “Polana-beach” **para os** turistas de ocasião

Na terra dos trópicos
(“Coca-cola” bem gelada)
e nas paredes transparentes das montras
as “xiganda-bongolo” feiticeiramente
abrindo as almas escondidas dos homens das sacas
de fundas cobiças **chumbadas** em arrepios de frio

Na terra dos trópicos...
(“Coca-cola” bem gelada)
e cansaços áfricos contra as duras paredes de vidro
da cidade maquilhada e sem alma.

3.^a Ode ao Inverno

Na terra dos trópicos
palmeiras alongadas contra o fundo azul-fosco
e “Polana-beach” com turistas de ocasião.

Na terra dos trópicos
(Coca-cola bem gelada)
e nas paredes transparentes das montras
as “xiganda-bongolo” feiticeiramente
cobrindo as almas escondidas
dos homens no calor das sacas vestidas
e fundas cobiças chumbando-os
em arrepios de frio.

Na terra dos trópicos
(Coca-cola bem gelada)
e cansaços áfricos contra as duras
paredes de vidro cidadinas
com menos coca
e mais cerveja.

1955

3. Uma terceira tarefa consiste na inventariação dos muitos textos em prosa que Craveirinha publicou ao longo da vida em jornais e revistas. São escritos de diversa natureza que talvez possam ser globalmente designados como crónicas, embora assumam muitas vezes a forma de artigo de opinião ou de ensaio curto. Até ao momento, só uma pequena parte do conjunto foi publicada: em 1999, ainda em vida do autor, saiu *Contacto e outras crónicas*; uma década depois, como já foi referido, veio a lume *O folclore moçambicano e as suas tendências*; e, nova década volvida, Luciana Batista Vieira, na sua dissertação de mestrado, editou os textos publicados por Craveirinha em *A Tribuna* entre 1962 e 1964. Paralelamente, surgiram também estudos par-

celares, a começar pelo de Nuno Domingos (2012), que na sua tese de doutoramento se ocupou das crónicas do autor de *Cela 1* sobre futebol. Também eu, num trabalho de 2020, me ocupei de uma interessante polémica que o poeta moçambicano travou na imprensa a propósito da expressão “galinha à cafreal”, através da qual antecipou em quase meio século uma discussão que só há pouco chegou a Portugal.

Daquilo que pude ver nos jornais que consultei, talvez não se justifique a publicação (pelo menos em livro) de todos esses textos dispersos, embora seja inequívoco que a sua releitura é indispensável para a compreensão de aspetos da obra poética de Craveirinha e, sobretudo, da sua faceta de cidadão esclarecido e participante. Veja-se, por exemplo, a defesa que ele faz de *O Brado Africano* em “A imprensa e a sua força”:

O Brado Africano tem a seu cargo tarefa pesada e infelizmente incompreendida por grande parte dos que mais o deviam acarinhar e auxiliar. A missão do *Brado Africano* não é meramente comercial. Não é noticiosa. *O Brado Africano* é o porta-voz dos naturais de Moçambique, o seu representante. A ele (jornal) cumpre manter uma posição especial como órgão do pensamento do africano em particular, visto que é no seio das populações nativas que ele possui a expansão que nenhum outro periódico disfruta. Os assuntos que edita nas duas línguas (Português e Ronga) são, por assim dizer, a comunicação dos naturais, a sua voz expressa e difundida em letras de forma.

Por isso o *Brado Africano* precisa viver, não vegetar. (CRAVEIRINHA, 1955b: 1)

Alguns destes textos são também interessantes porque nos mostram aspetos menos conhecidos de uma primeira fase do pensamento político-social de Craveirinha. A título de exemplo, veja-se esta passagem de um artigo intitulado “Uma presença que é necessário olhar com simpatia: o europeu na área dos subúrbios”:

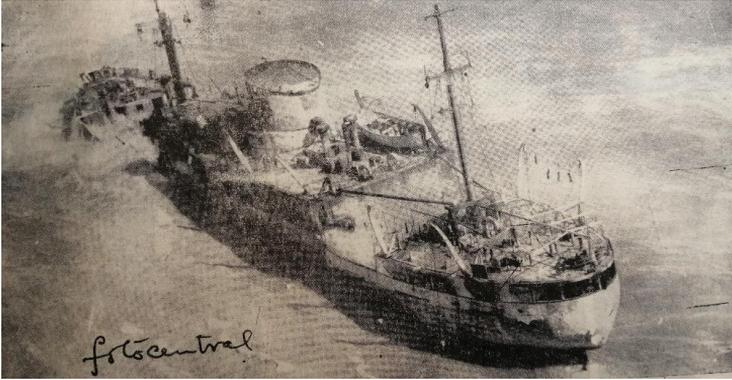
Ao observador menos atento, parecerá que o europeu residindo em áreas suburbanas, social e culturalmente desce, mas tal conclusão não só é extemporânea como inadmissível à luz da lógica. A contrapor a ela temos que o europeu cede a sua cultura mas não para descer, antes para que o africano ascenda até ele, mercê de convivência com manifestações superiores de civilização. Assim, não deve ser olhada suspicazmente a fixação do elemento europeu nas áreas da Munhuana, Chamanculo, Xipamanine, etc., visto ser essa a forma mais bela de o próprio povo colaborar na cruzada de valorização e catequização

ção do africano. Posta a questão em aberto, julgamos poder colocar dentro dela a reprovável atitude de muitos africanos que ao conseguir certo desafogo económico fogem das áreas residenciais onde sempre viveram, *emigrando* para outras, pendurando-se em *flats*, sacrificando espaço vital para os filhos que se vêem comprimidos entre paredes, na idade em que ar, luz e espaço livre significam imenso para o seu desenvolvimento físico e mental. (CRAVEIRINHA, 1955e: 2)

4. Um outro trabalho que importa levar a cabo tem que ver com o enquadramento jornalístico-histórico de alguns poemas de Craveirinha. A tarefa justifica-se pelo facto de haver um conjunto de textos, não muito numerosos mas significativo, cujo ponto de partida é um acontecimento noticiado, com maior ou menos destaque, pela imprensa. Confrontando os poemas com a cobertura jornalística dos acontecimentos em causa, verifica-se com frequência uma espécie de diálogo em contraponto, com o poeta a fornecer um olhar, por um lado, subjetivo e lírico do caso, por outro, usando-o para uma visão mais geral e abstrata, acima das circunstâncias. Outro aspeto observável neste tipo de composições tem que ver com o recurso a um tom crítico, com clara incidência política, ainda que sem assumir uma deriva panfletária. A explicação para isso estará talvez na maior liberdade assegurada pela linguagem poética e metafórica e no facto de muitos dos textos não terem sido escritos com a intenção imediata da publicação, o que permitiria ao autor concebê-los sem as limitações impostas pela censura.

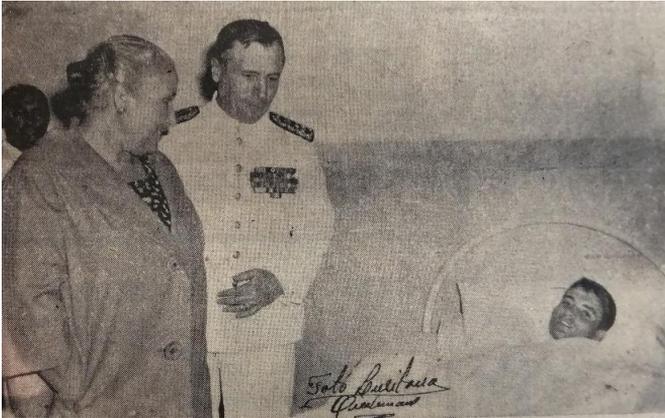
Para exemplificar esta linha de trabalho, considerarei brevemente o poema “Ode a uma carga perdida num barco incendiado chamado Save”. Salvo alguma eventual publicação anterior em jornal, o texto veio a lume pela primeira vez em 1963, na edição de *Chigubo* feita pela Casa dos Estudantes do Império. Contudo, o confronto com edições posteriores, designadamente a edição de 1999 de *Obra Poética*, publicada pela Caminho, mostra numerosas alterações, algumas delas bastante significativas. Há casos em que a mudança parece corresponder à correção de uma gralha (no v. 17, por exemplo, *e segurada estava a carga perdida* passa a *e segurada só não estava a carga perdida*), outros que parecem indicar o apagamento de um ou outro traço mais circunstancial (o v. 57 da versão final ficou sendo *ao som dolente das ondas e da brisa dos palmares*, em lugar de [...] *dos palmares de Quelimane*) e ocorrências que estarão relacionadas com opções estilísticas e semânti-

cas. Será o caso do v. 59, *e ao ritmo maravilhoso do tropel dos vivos no convés*, em que o primeiro adjetivo muda para *desmaravilhoso*, ou do v. 91, *lúdica do extinto amor sem nexo.*, transformado na versão final em *lúdica extinguindo-se num amor sem sexos*.



Notícias, 11 de julho de 1961, p. 1

Mas a questão que agora importa considerar é a relação do poema com o enquadramento jornalístico do acontecimento que lhe serviu de base e que é diretamente convocado no título, a “carga perdida num banco incendiado chamado Save”. Segundo se lê nos periódicos da época – tanto de Moçambique como da então metrópole –, a primeira parte do acidente ocorreu a 7 de julho de 1961, nas proximidades de Quelimane, com o encalhe da embarcação. A informação sai dois dias depois na edição matutina do *Notícias* de Lourenço Marques, com uma série de apontamentos, ainda pouco precisos, ao longo da última página, com continuação na p. 4. No dia seguinte, 10, o tema já figura na primeira página (onde se mantém até ao dia 16), pois ocorrera na manhã do dia anterior a primeira de uma série de explosões que provocara um elevado número de mortos e a destruição do navio. Um pouco à semelhança do que ainda hoje acontece em situações semelhantes, os jornais – particularmente o *Notícias* – dão grande destaque ao acontecimento, publicam dados um tanto contraditórios, colhem depoimentos dos sobreviventes e dados fornecidos pelas autoridades, enaltecem a solidariedade de organizações e de particulares e, aos poucos e de forma prudente, começam também a questionar-se sobre as causas do encalhe e das explosões.



todos belos da juventude absurda / com que juntos partiram quase homens

Notícias, 12 de julho de 1961, p. 1

Visita a um dos feridos no Hospital de Quelimane pelo Governador de Moçambique, Almirante Sarmiento Rodrigues, acompanhado da sua esposa

Que é possível perceber dessa cobertura jornalística? Que a embarcação vinha da Beira para Quelimane, com cerca de 550 pessoas a bordo, maioritariamente trabalhadores que regressavam do contrato e soldados, estes últimos repartidos entre praças de 1.^a e “autóctones”. Admite-se que tenha havido mais de duas centenas e meia de mortes e sugere-se que o navio levasse excesso de carga. Por outro lado, estranha-se que a embarcação transportasse materiais explosivos juntamente com tão grande número de passageiros, ao mesmo tempo que são referidas as condições climatéricas difíceis e a forte ondulação. Destaca-se também o heroísmo de alguns membros da tripulação e vão sendo divulgadas as listas de sobreviventes e de mortos, às vezes acompanhadas de fotos. Assume-se ainda que a maior parte dos muitos desaparecidos tenha perecido nas explosões.

Algumas peças merecem destaque. É o caso do texto *Sobrevoei o cadáver dum barco*, do enviado especial do *Notícias*, Carlos Pimentel Costa, publicado na edição de 14 de julho (pp. 1 e 4). De forma emotiva, escreve o jornalista perante a visão aérea que se lhe oferece:

As ondas, como que retratando o esgar medonho do mar vencedor, lançado que tinha sido por ele o primeiro ataque contra a vítima, atiravam-se contra os

costados e lambiam lúbricamente o que restava do airoso navio. Era o cadáver de um barco vencido pela adversidade. (COSTA, 1961: 1 e 4)

E, um pouco à semelhança do que faz Craveirinha na sua ode, destaca a preciosidade da carga perdida, embora em registo diferente:

Naqueles porões, que antes transportaram riquezas materiais e tesouros humanos, transformados agora em horripilantes aquários, onde os mortos repousam para todo o sempre, como farol de aviso futuro a toda a navegação, havia uma prevenção para recordar sempre a mais pavorosa tragédia vivida no mar moçambicano. Nesses bojos, transformados em túmulos, repousavam para a eternidade restos calcinados de soldados que seguiam no cumprimento do dever pela Pátria, corpos de gente de trabalho que regressava aos lares, terminados os seus contratos, homens do mar habituados a enfrentar as fúrias do monstro, sofrendo intempéries, arrostando com perigos de toda a espécie. Irmanados no abraço trágico, lá ficaram, surpreendidos pela morte, numa hora negra. (COSTA, 1961: 4)

Quanto à interrogação acerca das causas do acidente, é visível o cuidado de uma imprensa que, como sabemos, não gozava de liberdade. No caso do *Notícias*, o tema surge sobretudo numa peça publicada no dia 20 – quatro dias depois de ter deixado de fazer referência ao caso –, nas páginas interiores (ANÓNIMO, 1961), mas não assume o tom contundente de um outro jornal, *A Voz de Moçambique*, que perguntava no seu n.º 29-30:

Por que não foi arriada aquela baleeira que se vê ainda a bordo? Por que se salvaram 70% dos tripulantes e apenas 50% dos passageiros? Por que continuaram passageiros a bordo, depois de dali terem largado duas baleeiras peçadas de tripulantes e passageiros? Por que nem um só dos setecentos e tal coletes de salvação existentes a bordo foi empregue? (ANÓNIMO, 1961a: 1)

Este mesmo jornal, transcrevendo alegadamente passagens da carta de um leitor, volta ao tema a 30 de novembro, insurgindo-se contra “a irresponsabilidade, a irreflexão desta gente que encara o passageiro como mera mercadoria: estiveram-se, empilham-se” (ANÓNIMO, 1961b: 2).



*quase soldados / quase maridos / quase noivos e quase homens /
e quase crianças na memória viva das caçadas aos gala-galas*

Notícias, 13 de julho de 1961, p. 1 – “As outras quatro praças de 1.^a que, a juntar às dezasseis de que ontem inserimos as fotografias, constituem as vinte que perderam a vida na tragédia do «Save». Da esquerda para a direita: Van Moli Dulovolhai, Mamede Ardy, Isaac Cassamo Ismael e Artur dos Santos Gonçalves”

O poema de Craveirinha segue de certa forma nessa linha, como se percebe de imediato pela utilização de termos como “carga” e “mercadoria” para denunciar a ganância de uma “Companhia” para quem “O barco era grande / era grande mas não chegava.” (CRAVEIRINHA, 1999: 25). Fazendo depois uso de poderosas e inusitadas imagens (como “vestidos com a mesma inclemente / púrpura do cio das munições.”, p. 27), o texto faz da “carga [que] não tinha história” o seu centro, investindo de forte valor emotivo o advérbio *quase*, usado para identificar os passageiros vitimados: “quase soldados”, “quase homens”, “quase maridos”, “quase noivos”, “quase crianças”.

5. O quinto trabalho que me parece necessário é o do levantamento e estudo das traduções e edições estrangeiras da poesia de José Craveirinha. Tanto quanto julgo saber, essa tarefa só está razoavelmente cumprida no caso do italiano, que foi aliás uma das primeiras línguas em que a obra do autor de *Maria* seria divulgada.

O passo inicial foi devido a Joyce Lussu (1912-1998), tradutora e, sobretudo, ativista política, com amplo trabalho nas lutas antifascistas e anticolo-

nialistas, que editou o volume *Cantico a un dio di catrame*⁵, de 1966. Três anos depois, o grande filólogo e lusitanista Giuseppe Tavani (1924-2019) incluiu três poemas de Craveirinha⁶ na antologia *Poesia africana di rivolta*, mas só um deles não constava da obra organizada por Joyce Lussu. Um quarto de século depois, sairia *Voglio essere tamburo*, que engloba 27 dos 28 poemas⁷ do livro organizado por Lussu, juntamente com 12 outros⁸, certamente vertidos pela dramaturga, artista e tradutora Anna Fresu. O livro é valorizado pelos desenhos de Bertina Lopes, pintora moçambicana que estava há muito radicada em Itália.



Edição de Joyce Lussu, de 1966

⁵ Integra os seguintes 28 poemas: “A mio padre”, “Vecchia canzone”, “Elegia per nonna Fanisse”, “Poesia del bambino di madre negra”, “Sangue di mia madre”, “Voglio essere tamburo”, “Jambul”, “Grido negro”, “Cantico a un dio di catrame”, “Canzone del negro della chiatta”, “João Mussumbuluco”, “Msaho dell’anniversario”, “Mamana Saquina”, “Mamanô”, “Mulatta Margarida”, “Aumento di prezzi”, “Soltanto”, “Poesia del futuro cittadino”, “Imprecazione”, “Inno alla mia terra”, “Ode a un carico perduto in una nave incendiata che si chiamava «Save»”, “Noi”, “A tutti quelli che pagano al dio inverno l’infallibile contributo annuo”, “Pausa africana”, “Storia bella che un giorno racconterò”, “La bambina che un giorno venne”, “Frustrazione” e “Ritorno”.

⁶ “Soltanto”, “Mamparra m’gaíza” e “Grido negro”.

⁷ Ficou de fora “A mio padre”.

⁸ “Lirismo dialettico”, “Tema per una possibile poesia”, “Guerra”, “Miracolo”, “Caduto dal cielo”, “Canto del nostro amore senza frontiere”, “Il mio prezzo”, “Cella 1”, “Cantico dell’uccello azzurro a Sharpeville”, “Orso da circo”, “N’goma (Tamburo)” e “Le parole”.

Algum do trabalho tradutório para o italiano já foi estudado por especialistas: Manuel G. Simões (2012) comentou as traduções de Lussu e de Tavano, ao passo que Claudia Capancioni (2012) se pronunciou sobre o trabalho da primeira. Falta contudo, creio, abordar a efetiva circulação da obra assim traduzida.

De acordo com o levantamento muito preliminar e certamente com grandes falhas que pude fazer, o inglês é a outra língua para a qual mais poemas de Craveirinha têm sido vertidos. O primeiro caso é de 1964: trata-se de “Song of a negro boatman”, incluído num volume da revista *The Classic Johannesburg Quarterly* dedicado a escritores moçambicanos. Oito anos depois, Margaret Dickinson contemplou seis poemas⁹ do autor de *Xigubo* na antologia *When Bullets Begin to Flower: Poems of Resistance from Angola, Mozambique and Guiné*, publicada no Quênia. Pouco mais de duas décadas mais tarde, em 1993, Don Burness selecionou 13 poemas¹⁰ do moçambicano em *Echoes of the Sunbird: An Anthology of Contemporary African Poetry*, vinda a lume nos Estados Unidos da América. Já no nosso século, em 2006, Frederick G. Williams escolheu dez textos¹¹ para o volume *Poets of Mozambique: A Bilingual Selection* e, em 2011, Luis Rafael incluiu 34¹² no seu *Stained Glass: Poetry from the Land of Mozambique*, publicado na Índia. No caso desta língua, estão em falta, segundo julgo saber, tanto os estudos sobre tradução como os que se referem à receção da obra do autor.

⁹ “Mamparra M’gaiza”, “Poem”, “Mamana Saquina”, “I Want to Be a Drum”, “Mulatto Margarida” e “Manifesto”.

¹⁰ “Black Protest”, “Song of The Great Barge”, “Manifesto”, “I Want to Be a Drum”, “Poem”, “Mamana Saquina”, “Mamparra M’gaiza”, “A Man Never Cries”, “Cell 1”, “Metamorphosis”, “Kerchiefs”, “My Mourning” e “Elegy”.

¹¹ “Poem of The Future Citizen”, “I’m Illiterate”, “To the Fine Gospel of The Billy Clubs”, “Pity”, “For a Clandestine Idyll”, “Visitors Day”, “Science”, “I Prestidigitator Emeritus”, “Man and Ant” e “Pray, Maria!”.

¹² “Hope”, “The Pores of the Plague”, “Fable”, “Civilization”, “Oh! Carmen de Diego”, “When José Thinks of America”, “Maria Sende”, “Black Outcry”, “Curse”, “Poem of a Future Citizen”, “Boat Song”, “Canticle of the Blue Bird in Sharpeville”, “Elegy to My Grandmother Fanisse”, “Mama Saquina”, “I Want To Be a Drum”, “Martin Luther King”, “Cell Number One”, “Metamorphosis”, “Wax-Shine”, “Our City”, “Excerpt from an Autograph Book for a Vietnamese Child”, extracts from “The Tasty Tanjarines of Inhambane”, “Land of Canaan”, “Necklaces”, “Why?”, “Communiqué from Cuíto Cuanavale”, “Memento”, “Hyenas and Gashes”, “De Profundis”, “De Profundis” [trata-se de dois poemas distintos], “Burnt Down Village”, “Gluttony”, “Barber’s Shop” e “They Went There”.

Haverá certamente traduções de poemas do autor de *Karingana* para várias outras línguas, designadamente o francês e o espanhol. Não consegui, porém, encontrá-las. Deparei-me, sim, com a referência a uma antologia russa de 1984, mas não logrei consultá-la. Acedi, porém, a uma sueca, de 2002: da responsabilidade de Örjan Sjögren, intitula-se *Dikter* e comporta 70 poemas¹³. Por último, temos a notícia de uma antologia em chinês lançada em Macau em maio de 2022: com seleção e prefácio de Lola Geraldine Xavier e tradução de Lu Jing e Wu Hui, foi publicada por Praia Grande Edições, em Macau e inclui 83 composições.



Revista sul-africana, de 1964

¹³ Não sabendo sueco e admitindo que o mesmo aconteça com os eventuais leitores deste artigo, transcrevo os títulos em português: “Joe Louis nosso campeão”, “Xigubo”, “Grito negro”, “Poema do futuro cidadão”, “Hino à minha terra”, “Imprecação”, “Manifesto”, “Mamanô!”, “Elegia à minha avó Fandise”, “Afinal... a bala do homem mau”, “Chamamento”, “Karingana ua karingana”, “Fábula”, “Aforismo”, “Civilização”, “Síntese”, “Ninguém”, “Galos”. “Machimbombos”, “Esperança”, “Quadrilhas”, “Felismina”, “Os poros da peste”, “Mãe”, “Orla azul da noite com mambas”, “Pão em fanfarras de ouro”, “Primavera”, “História do magaiza Madevo”, “História de amor”, “Maria Sende”, “Cântico do pássaro azul em Sharpeville”, “Papagaio”, “Ode à Teresinha”, “Violas de lata”, “As veias sacras de Xipalapala”, “Ao meu belo pai ex-emigrante”, “Quero ser tambor”, “Frio nos subúrbios”, “Contra-senha”, “Em quantas partes”, “Hino às mães” “Reza, Maria”, “SIA-VUMA” “Saborosas tangerinas d’Inhambane”, “Gente a trouxe-mouxe”, “Eles foram lá”, “Forrobodó”, “Gula”, “Mina antipessoal”, “Aldeia queimada”, “Prótese bucal”, “Moçambiquicida”, “Maria. Salmo Inteiro”, “Infelizmente jamais”, “Gumes de névoa”, “Lado de vida”, “Elogios”, “Estrelas”, “Nostalgias”, “No alfabeto da tua respiração”, “Augúrios”, “A vassoura”, “Exíguas palavras”, “A cadeira”, “Eu e o café frio”, “Espectro”, “O Vavá partiu uma garrafa”, “Maria de sempre”, “Tempo” e “Sábados adiados”.

Sem necessidade de matar Hidras de Lenas, limpar estábulos ou vencer amazonas, os operários que se disponham a entrar nesta messe não precisam nem da força nem da manha de Hércules: basta algum tempo, boa vontade, planificação e algum (certamente pouco) dinheiro. O centenário de Craveirinha mais que justifica.

Bibliografia

- AA.VV. (1960). *Poetas de Moçambique*. Prefácio de Alfredo Margarido. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império.
- AA.V.V. (1964). *The Classic Johannesburg Quarterly*. Vol. 1, no 3: Writing from Mozambique.
- ANÓNIMO (1961a). *A catástrofe do “Save”*. “A Voz de Moçambique”. Lourenço Marques. N.ºs 29-30 (julho), p. 1.
- ANÓNIMO (1961b). *Não caiu ainda o pano sobre a tragédia do Save*. “A Voz de Moçambique”. Lourenço Marques. N.º 38 (30 de novembro), p. 2.
- ANÓNIMO (1961c). *Por que motivo se não proíbe a navegação costeira em determinadas condições?* “Notícias”. Lourenço Marques. (20 de julho), pp. 14 e 11.
- BURNES, Don (1993). *Echoes of the Sunbird: An Anthology of Contemporary African Poetry*. Compiled by Don Burnes. Athens, Ohio: Ohio University Center for International Studies.
- CAPANCIONI, Claudia (2012). *Joyce Lussu’s ‘Africa, Out of Portugal’: translating José Craveirinha, Kaoberdiano Dambarà, Marcelino dos Santos, Agostinho Neto, and Alexander O’Neill in italian*. “Scientia Traductionis”. 11, pp. 245-258.
- COSTA, Carlos Pimentel (1961). *Sobrevoei o cadáver dum barco*. “Notícias”. Lourenço Marques. (14 de julho), pp. 1 e 4.
- CRAVEIRINHA, José (1955a). *1.ª Ode ao inverno*. “O Brado Africano”. Lourenço Marques, 25 de junho, p. 5.
- CRAVEIRINHA, José (1955b). *A imprensa e a sua força*. “O Brado Africano”. Lourenço Marques. (5 de março), pp. 1 e 5.
- CRAVEIRINHA, José (1955c). *In memoriam*. “O Brado Africano”. Lourenço Marques. (2 de abril), p. 5.
- CRAVEIRINHA, José (1955d). *Quase poesia*. “O Brado Africano”. Lourenço Marques. (31 de dezembro), p. 5.

- CRAVEIRINHA, José (1955e). *Uma presença que é necessário olhar com simpatia: o europeu na área dos subúrbios*. “O Brado Africano”. Lourenço Marques. (19 de fevereiro), pp. 1 e 2.
- CRAVEIRINHA, José (1956b). *Ode 2.ª ao inverno*. “O Brado Africano”. Lourenço Marques. (28 de julho), p. 6.
- CRAVEIRINHA, José (1956c). *Paragem*. “O Brado Africano”. Lourenço Marques. (3 de março), p. 3.
- CRAVEIRINHA, José (1956d). *Partida*. “O Brado Africano”. Lourenço Marques. (31 de março), p. 1.
- CRAVEIRINHA, José (1957a). *O drama de uma humanidade desumana*. “O Brado Africano”. Lourenço Marques. (11 de maio), pp. 1 e 2.
- CRAVEIRINHA, José (1957b). *Quando eu penso na América...* “O Brado Africano”. Lourenço Marques. (6 de julho), p. 5.
- CRAVEIRINHA, José (1964). *Chigubo*. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império.
- CRAVEIRINHA, José (1966). *Cantico a un dio di catrame*. Testo a fronte, versione, introduzione e note a cura di Joyce Lussu. Milano: Lerici editori.
- CRAVEIRINHA, José (1984). *Избранное*. Москва: Молодая Гвардия.
- CRAVEIRINHA, José (1991). *Voglio essere tamburo*. A cura di Anna Fresu e Joyce Lussu. Disegni di Bertina Lopes. Venezia: Centro Internazionale della Grafica di Venezia.
- CRAVEIRINHA, José (1992). *Karingana ua Karingana*. Lisboa: Edições 70.
- CRAVEIRINHA, José (1998). *Maria*. Lisboa: Editorial Caminho.
- CRAVEIRINHA, José (1999a). *Contacto e outras crónicas*. Maputo: Centro Cultural Português.
- CRAVEIRINHA, José (1999b). *Obra poética: I*. Lisboa: Editorial Caminho.
- CRAVEIRINHA, José (2002). *Dikter*. I tolkning av Örjan Sjögren. Stockolm: Ordfront.
- CRAVEIRINHA, José (2004a). *Poemas da prisão*. Lisboa: Texto Editora.
- CRAVEIRINHA, José (2004b). *Poemas eróticos*. Org. de Fátima Mendonça. Maputo: Moçambique Editora / Texto Editores.
- CRAVEIRINHA, José (2009). *O folclore moçambicano e as suas tendências*. Maputo: Alcançe.
- CRAVEIRINHA, José (2012a). *Tâmaras azedas de Beirute*. Apresentação por Gilberto Matusse. Maputo: José Craveirinha Editores.
- CRAVEIRINHA, José (2012b). *Vila Borghesi e outros poemas de viagem*. Org. de José Craveirinha Filho e Eurídice Craveirinha. [Maputo]: José Craveirinha Editores.
- CRAVEIRINHA, José (2018). *Moçambique e outros poemas dispersos*. Org. de José Craveirinha Filho. Maputo: Alcançe.

- DICKINSON, Margaret (1972). *When Bullets Begin to Flower: Poems of Resistance from Angola, Mozambique and Guiné*. Selected and translated by Margaret Dickinson. Nairobi: East African Publishing House.
- DOMINGOS, Nuno (2012). *Futebol e colonialismo: corpo e cultura popular em Moçambique*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- RAFAEL, Luis (2011). *Stained Glass: Poetry from the Land of Mozambique*. Edited by Luis Rafael. Howrah, India: Roman Books.
- SIMÕES, Manuel G. (2012). *As traduções italianas de José Craveirinha*. In *Outras margens: ensaios de literatura brasileira, angolana, moçambicana e caboverdiana*. Lisboa: Colibri, pp. 149-157.
- TAVANI, Giuseppe (1969). *Poesia africana di rivolta: Angola, Mozambico, Guinea, Capo Verde, São Tomé*. A cura di Giuseppe Tavani. Con una nota storico-letteraria di Mário de Andrade. Bari: Laterza.
- TOPA, Francisco (2020). *Galinha à caçafreal: José Craveirinha meio século depois*. In FERREIRA, António Manuel et al., ed. *Pelos mares da literatura em portugueses*. Frankfurt: Peter Lang, pp. 161-172.
- VIEIRA, Luciana Batista (2019). *Outra face, a mesma luta: edição e estudo das crónicas e outros textos publicados por José Craveirinha em A Tribuna (1962-1964)*. Dissertação de mestrado em Estudos Africanos. Porto: FLUP.
- WILLIAMS, Frederick G. (2006). *Poets of Mozambique: A Bilingual Selection / Poetas de Moçambique: uma selecção bilingue*. Translations, Introduction and Notes by Frederick G. Williams. Provo, Utah: Brigham Young Universities Studies; Maputo: Universidade Eduardo Mondlane; Lisboa: Instituto Camões; New York: Luso-Brazilian Books.